

BEBÊS EM MOVIMENTO: ESTÁGIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

GRACE KELLY DA SILVA

Professora de Educação Física pela UFG/CAC

THALITA TOMÁZIA DE ALCÂNTARA CINTRA

Professora de Educação Física da Rede Municipal de Catalão
Cursa Especialização em Educação Infantil – UFG/CAC

DRA. MARIA DO CARMO MORALES PINHEIRO

Doutora em Educação – UNIMEP
Professora do Curso de Educação Física – UFG/CAC
Orientadora do Estágio Curricular Supervisionado II

Resumo | Este texto apresenta o relato de uma experiência de prática pedagógica junto ao Berçário de um Centro Municipal de Educação Infantil de Catalão, desenvolvida pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II do Curso de Educação Física do Campus Catalão da UFG em 2010. A proposta baseou-se em estudos em torno do desenvolvimento da criança, de suas relações com o mundo e com o conhecimento, principalmente a partir das contribuições de Wallon (1975). Baseado nisso, o movimento corporal, o toque e a percepção dos bebês foram eleitos como elementos a serem tratados a partir de distintas dinâmicas.

Palavras-chave | Estágio; Bebês; Movimento Corporal.

UM CENÁRIO

Este trabalho foi desenvolvido durante o 7º período da Licenciatura em Educação Física do Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás

como exigência parcial da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, mais especificamente em 2010. A proposta da referida disciplina é de que os acadêmicos estagiem nos campos da Educação Infantil e da Educação Especial nos dois semestres letivos do último ano do curso.

Para atender aos objetivos da intervenção pedagógica realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado em área periférica da cidade de Catalão (Goiás), os encontros foram organizados em nove aulas desenvolvidas de acordo com as necessidades e curiosidades dos bebês, além das indicações da literatura consultada.

Antes disso, porém, buscamos compreender o funcionamento dessas instituições educativas. Assim, é importante retomar o sentido inicial da palavra *creche*, vinda do francês, que significava *manjedoura*, associada ao simbolismo cristão de dar abrigo a um bebê necessitado. Aí é que tem origem as instituições que atualmente, no Brasil, chamamos de escolas de Educação Infantil. Por mais que a legislação vigente trate a educação das crianças de 0 a 5 anos como direito e não como favor, ainda hoje as funções da Educação Infantil estão sendo redefinidas na tentativa de superar a visão assistencialista que historicamente a marca. Retomar tais origens é importante, inclusive, para explicar que a nomenclatura CMEI se afina com iniciativas dessa ordem.

Diante disso, o principal desafio desse campo de intervenção foi o de construir possibilidades de experimentação que quebrassem com a rotina institucional, na tentativa de afastar as concepções filantrópicas com que a creche historicamente se identifica.

A problemática encontrada junto ao grupo do Berçário foi a carência de movimentos corporais mais livres e de interação social, pois os bebês passam grande parte do tempo dentro dos berços sem contato com os pares e com o espaço em si, impedindo avanços na sua aprendizagem. Tal situação ocorre muito em função de que apenas uma professora é responsável pelo grupo todo, pois as auxiliares são proibidas de desenvolver as tarefas de troca de fraldas e de banho, o que sobrecarrega apenas uma profissional na manutenção da rotina estabelecida. No caso dos bebês, a rotina costuma se estruturar em torno dos cuidados com a higiene e

alimentação, motivo pelo qual as crianças, inclusive por questão de segurança, são mantidas nos respectivos berços, isoladas umas das outras e do próprio ambiente que poderia ser melhor explorado.

Assim, o trabalho pedagógico que poderia ser feito com vistas ao desenvolvimento infantil, fica aquém de suas possibilidades. Mesmo que a justificativa para esse modo de organizar o berçário e de tratar os bebês gire em torno do precário número de profissionais que os atendem, não há como negar que esse tipo de ação também educa, como afirma Kuhlmann Jr. (1998), para a solidão característica dos que devem se adaptar o mais breve possível ao sistema social e cultural tal qual ele opera. Ao discutir a concepção de pré-educação higienista, o referido autor mostra como a produção da obediência passa por uma educação fundada na rejeição da espontaneidade, na negação do prazer e na ausência de contato corporal.

Ainda que essa direção educativa não seja deliberadamente intencional, é preciso problematizá-la, inclusive porque ela coloca em cena certo processo de formação de professoras de crianças pequenas, que não conseguem pensar sua prática pedagógica para além dos limites da execução dos cuidados básicos. Nesse sentido, Oliveira (1992) destaca:

Muitas vezes os educadores da creche ficam tão preocupados com outras coisas (a merenda, as mães, a organização dos grupos de crianças, além dos sérios problemas cotidianos enfrentados por todos: o salário, a condução, a violência urbana) que reduzem suas tarefas ao cumprimento de uma rotina monótona e cansativa. Adiam assim a reflexão sobre seu trabalho pedagógico (OLIVEIRA, 1992 p. 15).

No entanto, o berçário é mais que um ambiente de acolhimento e de cuidados de puerícia, pois se compõe num lugar de descobertas e ampliação das experiências culturais dos bebês.

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Para reafirmar a perspectiva acima citada em confronto com a noção que fragmenta o educar e o cuidar, propusemos um trabalho com o movimento corporal, a percepção dos bebês e do contato corporal por meio de brincadeiras e outras vivências distintas de seu cotidiano. O que

justifica tal escolha é, primeiramente, o importante papel do movimento corporal no desenvolvimento infantil, pois como afirma Wallon (1975), “o movimento é tudo o que pode dar testemunho da vida psíquica e traduzi-la completamente, pelo menos até o momento em que aparece a palavra”. (WALLON, 1975 p.75), frisando a pertinência de um trabalho com esse cunho junto a bebês, cuja linguagem oral ainda não se impõe sobre a corporal.

O movimento não intervém apenas no desenvolvimento psíquico da criança e nas suas relações com os outros; influencia também o seu comportamento habitual. É um fator importante do seu temperamento. Cada indivíduo tem uma compleição motora pessoal que depende das graduações variáveis das suas diferentes atividades musculares (WALLON, 1975 p.81-82).

Isso sugere que compreender a personalidade, o humor e os desejos dos bebês passa por uma leitura atenta de seus corpos e dos sinais que eles emitem, seja deslocando-se no espaço, seja pela expressividade visível em seus semblantes, normalmente esculpidos pelas emoções que se entrelaçam às experimentações infantis.

Ao explorar as contribuições wallonianas, Galvão (1995) ajuda a compreender que há uma relação intrínseca entre movimento e desenvolvimento da capacidade sensorial dos bebês, que precisa ser mediada culturalmente para transformar-se em percepção.

Na infância é ainda mais pronunciado o papel do movimento na percepção. A criança reage corporalmente aos estímulos exteriores, adotando posturas ou expressões, isto é, atitudes, de acordo com as sensações experimentadas em cada situação. É como se a excitação provocada se espalhasse pelo corpo, imprimindo-lhe determinada forma e consistência e resultando numa impregnação perceptiva, por meio da qual a criança vai tomando consciência das realidades externas (GALVÃO, 1995 p.72).

A função tônica do movimento se faz sensível na constituição da percepção e, assim, da consciência da criança com relação ao outro, ao mundo e a si mesma.

Além disso, nossa área de origem é a Educação Física, cujo objeto de estudo é o corpo em movimento em distintas manifestações culturais, outro motivo que fundamenta a escolha por explorar o movimento

corporal dos bebês no estágio. Cola-se a isso o fato de que uma atuação voltada às aprendizagens de bebês ainda é um desafio entre profissionais da Educação Infantil, muito por conta da compreensão de que estes seres apenas precisam de cuidados básicos e de descanso.

Assim, esta proposta pedagógica se alia ao entendimento de Pérez Gómez e Sacristán (1998), para quem o ensino não pode se reduzir a mera aplicação de normas e receitas pré-estabelecidas, pois é espaço de vivências compartilhadas, de busca de significados e de produção de conhecimento.

O PRIMEIRO CONTATO: DÚVIDAS E EXPECTATIVAS

A primeira aula foi de muita expectativa tanto para a professora (Pedagoga pela UFG/CAC) do berçário quanto para as estagiárias. No primeiro contato nos admiramos com o carisma das crianças e com a atenção da professora. Porém, como todo primeiro encontro é tenso pela ansiedade e medo de que os objetivos elaborados não sejam atingidos, o sentimento era de apreensão. O grupo era composto por 18 crianças com idade entre 7 meses e 1 ano e 11 meses, além da professora e de duas monitoras-auxiliares.

Como ainda não tínhamos uma noção mais nítida das possibilidades de trabalho com os bebês quanto ao espaço disponível para a exploração dos seus movimentos, reservamos a primeira aula para atividades de aproximação e de reconhecimento da turma, para desinibir as crianças e apurar nossa percepção de trabalho quanto as suas necessidades e possibilidades.

Saber organizar o tempo das aulas é fundamental na educação das crianças, pois quanto mais tempo ficam ociosas, maior o número de eventos negativos (brigas, gritarias, quebra de materiais etc.) que ocorrem nas creches. Organizar o dia-a-dia da criança significa, principalmente, estruturar o coletivo infantil no tempo e no espaço (OLIVEIRA, 1992).

Para que nossa apresentação aos bebês propiciasse uma aproximação promissora, contamos com o auxílio da música para desinibir e facilitar a

interação entre nós, além de que ela sempre torna o ambiente mais alegre e receptivo. Assim, a *hora da música* envolveu cantigas ritmadas acompanhadas de gestos, algo a ser realizado diariamente, dado seu potencial de integração afetiva entre crianças e adultos (OLIVEIRA, 1992).

Nesse primeiro contato, embalados por canções, fizemos uma dinâmica com balões, pois a bexiga é um material de fácil acesso e de grande aceitação pelas crianças, além de proporcionar muitas possibilidades de movimentação, tanto para bebês que já andam quanto para aqueles que engatinham ou apenas sentam. Afinal, o movimento corporal é, principalmente para crianças tão pequenas, elemento de interação social, meio de expressão e de comunicação.

Foi surpreendente a reação e imaginação do grupo. No começo, ainda um pouco tímidos, todos os bebês observavam com atenção e curiosidade. Ao se sentirem mais a vontade, pediam incansavelmente para descer dos berços e brincar livremente pelo espaço disponível. Todos os berços foram tirados do lugar para uma melhor movimentação das crianças, o que para elas parecia inédito. Por isso, aproveitaram intensamente cada momento dessa intervenção. Brincadeiras com objetos muito simples como os balões são capazes de oferecer aos bebês que exercitem suas possibilidades táteis e visuais, como acessar diferentes texturas e tamanhos, cores e sons, elementos que estimulam sensorialidades e ajudam a compor o campo perceptivo.

No fim do trabalho, as crianças voltavam para os respectivos berços e o término das brincadeiras era anunciado. Era notória a decepção de todas por não haver mais tempo para brincar, correr e se movimentar. O choro era como um protesto que muitas vezes não é ouvido pelos adultos (pais ou responsáveis), mas que, por fim, indicou uma grande satisfação e vontade de interagir e de aprender. Isso fez ver que os espaços reservados para a Educação Infantil podem se constituir em intermediadores do desenvolvimento infantil, para o que é necessário garantir uma boa qualidade no trabalho pedagógico com todas as crianças, mesmo as bem pequenas, para que aprendam a se colocar como produtoras de saber nesse mundo.

MASSAGEM: TOQUE DE PROTEÇÃO E DE CARINHO

Também foi feita uma experimentação com o toque, pois já nos primeiros meses de vida o bebê capta muitas sensações do meio externo, e antes mesmo de nascer, seu universo é composto de calor, de sons, de ritmo, de movimentos e de contato físico com sua mãe, ainda no ventre materno. Walker (2000) afirma que o tato é a primeira linguagem do recém nascido e seu principal meio de comunicação, tendo papel essencial na formação dos primeiros vínculos entre pais e filhos.

Em função disso, usamos a massagem como meio de contato, carinho e relaxamento dos bebês. Massagens terapêuticas como a Shantala e o Shiatsu tem como objetivo principal ampliar os meios de contato dos pais com seus filhos (ou de outros adultos com as crianças), estabelecendo vínculos entre quem interage na massagem. Assim, não é necessário enfatizar técnicas e procedimentos padronizados. Apenas o toque e o contato, além da atenção às reações dos bebês ao receber este tipo de estimulação, são ações que incidem de modo afirmativo em seu desenvolvimento.

O toque e o carinho provocam um aumento da auto-estima e, conseqüentemente, da imunidade, alongam os músculos e promovem eliminação de tensões e bloqueios, previnem e aliviam as cólicas intestinais, facilitam um sono tranqüilo e profundo, enfim, transformam o bebê saudável em todos os aspectos (WALKER, 2000). Por meio desses benefícios, contribuimos de modo afirmativo na estimulação corporal das crianças, e, assim, apresentamos algumas novas possibilidades de interação social e de afeto.

A partir do segundo encontro, introduzimos como conteúdo a massagem. Tanto as crianças muito agitadas, com choro considerado *sem causa*, quanto as mais serenas, passavam por sessões de massagem.

A massagem infantil, antiga tradição em muitas culturas, está sendo redescoberta no Ocidente. No mundo, há muitos lugares em que os bebês não são massageados apenas em momentos críticos, e sim como parte da rotina dos cuidados dispensados a eles durante os primeiros anos de vida. Cada cultura tem suas razões para usar a massagem... Os benefícios do toque no bebê se estendem a todos (KAVANAGH, 2005 p. 6).

Todas as aulas eram encerradas com a massagem, uma maneira de relaxar os bebês, ainda eufóricos pela participação nas atividades anteriores. Além disso, era uma forma de nos aproximarmos deles individualmente, observando seus sorrisos ao receber a massagem, o que nos mantinha atentas aos sinais de satisfação de cada um, melhor indício da movimentação adequada. Alguns bebês dormiam quando acabava o toque de carinho e de relaxamento, deixando subentender os bons resultados do trabalho e dando sustentação em nossa pesquisa da relevância do toque como contato afetivo e terapêutico.

Frente a isso, o resultado surpreendeu a todos, até mesmo a professora da turma, que mostrou curiosidade e interesse em aprender este contato de carinho.

BEBÊS... AO PASSEIO!

Em outras aulas, as crianças eram levadas para fora do berçário, ora para tomar sol, ora para brincar livremente pela área verde do CMEI. Os bebês demonstravam grande satisfação ao sentir a liberdade destes momentos. Mas esta ação quase nunca era cogitada pela regente da turma, provavelmente em função de que o banho de sol ocorria em um corredor, protegido por uma grade de segurança, ao lado da sala do berçário, mostrando que mesmo o contato com a natureza nunca se fazia de modo direto. Por conta disso, no começo dos passeios sentíamos alguma resistência por parte da professora, o que remete a Sayão (2002) quando afirma que a tendência dos adultos é exercer uma espécie de dominação sobre as crianças:

Cobram uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos (SAYÃO, 2002 p. 58)

Não era costume misturar as crianças do berçário com as de outros grupos, pois direção e professoras temiam por sua segurança: que se machucassem nesse contato, que caíssem, fossem picadas por insetos,

dentre outros perigos. Com o tempo, essa idéia cedeu lugar à conquista da confiança da professora, o que tornou natural a atitude de retirada dos bebês do ambiente costumeiro. Entendemos que a creche supera, nesses pequenos gestos, sua visão assistencialista, pois não deve haver preocupação somente com higiene ou alimentação: é preciso considerar o movimento corporal na construção de diferentes linguagens infantis.

As atividades “livres” devem fazer parte da programação diária de todos os grupos de crianças. Desde o berçário até as turmas dos maiores, devem ser organizados locais e momentos para que as crianças explorem o ambiente com maior liberdade de escolher seu foco de atenção. (OLIVEIRA, 1992 p. 100)

Assim, os bebês manipulavam objetos por longos períodos, como se quisessem descobrir suas propriedades, texturas, cheiros e as distintas sensações advindas dessas interações. Eles eram instigados a observar pequenos insetos na grama e a experimentar nas próprias mãos desde a leveza da grama até a rigidez de um pequeno pedaço de pedra. Comprendemos que a capacidade de percepção do bebê vai formando uma noção de mundo, mas sua incapacidade motora limita-lhe essa exploração (OLIVEIRA, 2007; 1992), afinal, é a estimulação, seja motora, sensorial ou cognitiva, que dá oportunidade de interação com o universo a sua volta, fazendo-o conhecer e compreender um mundo novo.

Era explícita a capacidade de cada bebê naqueles momentos. Capacidade de ações, de independência, de alegria e descobertas, pois no leito de seus berços tornara-se impossível a visualização e a interpretação de seus atos, prontos a explodirem a qualquer oportunidade. Víamos em seus pequenos olhos a sensação de liberdade e de sede de exploração do mundo.

No começo, alguns bebês mais contidos, pela falta de costume e de interação com as outras crianças, se assustavam com a imensidão do espaço a sua volta, com as pessoas consideradas estranhas ali presentes, pela provável ausência da professora costumeira que cuidava e protegia nos momentos oportunos. O choro era inevitável, mas sempre que viam algum amiguinho do berçário se divertindo, logo se soltavam. Assim, com o passar dos dias e de sua adaptação a nós, os bebês assumiam posturas diferenciadas e se atraíam cada vez mais pelos acontecimentos ao seu redor.

PARA TERMINAR...

Realizar trabalhos pedagógicos melhor organizados com bebês ainda é uma novidade e um desafio. Por mais que exista um robusto acervo de saberes acerca do desenvolvimento dos bebês e de sua inteligência, do ponto de vista prático, historicamente tem se subestimado o que é possível fazer com eles. Isto coloca demandas vitais às políticas de formação de professores bem como às políticas de financiamento da Educação Infantil, que requer investimentos pesados se realmente pretende oferecer boa qualidade no atendimento de crianças bem pequenas.

É nesse contexto que, inicialmente, uma inquietante pergunta não queria calar: o que fazer com bebês? o que estagiárias de Educação Física teriam a oferecer a seres ainda tão frágeis e necessitados de tantos cuidados elementares? Ao nos deixarmos envolver por aquele ambiente e por aquele grupo, o medo e a ausência inicial de perspectivas cederam lugar à compreensão de que seria preciso ter muita sensibilidade para olhar e escutar os bebês em suas singularidades, único modo de aprender a ser suas professoras, pois as práticas com esses seres cheios de vontade de viver, pedem sutilezas muito mais do que certezas, como atestam Souza e Weiss (2008).

A imaginação, a disposição e a compreensão da necessidade de movimentação dos pequenos deram direção aos afazeres. Perceber o quanto e como é possível aprender, criar e colaborar com essas crianças nos enchia de expectativas e de coragem. Em várias aulas os bebês surpreendiam, pois a cada atividade mostravam mais vontade de aprender e explorar, o que nos envolvia muito no trabalho. Frente a isso, compreendemos que às vezes é preciso tornar-se criança para captar a alegria de viver, em pequenos gestos e palavras, a grandeza dos momentos que realmente são intensos na vida.

REFERÊNCIAS

GALVÃO, I. **Henri Wallon**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

- KAVANAGH, W. **O toque no bebê**. São Paulo: Pensamento, 2005.
- KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- OLIVEIRA, Z. M. et al. **Creches: crianças, faz de conta & Cia**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- OLIVEIRA, Z. M. **Educação Infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PÉREZ GÓMEZ, A. I.; SACRISTÁN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v. 23, n2, pp. 43-54, jan./2002.
- SOUZA, A. C.; WEISS, V. Aprendendo a ser professora de bebês. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação Infantil: saberes e fazeres...** 3. ed. São Paulo: Papyrus, 2008. p. 33-48.
- WALKER, P. **O livro de massagem do bebê**. São Paulo: Manole, 2000.
- WALLON, H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975. p. 75-82.

Recebido: 08 julho 2011
Aprovado: 12 julho 2011
Endereço para correspondência:
Maria do Carmo Morales Pinheiro
Rua João Arcanjo Duarte, 146
Setor Ipanema
Catalão – GO
CEP: 75705-140
carmopin@gmail.com